

cat

EDUCAÇÃO FÍSICA

DISCURSO

Proferido pelo **Dr. Jorge de Moraes**

DEPUTADO PELO AMAZONAS

Na sessão de 21 de setembro de 1905

E

PARECER

Apresentado à Comissão de Instrução
Pública da Câmara dos Deputados
pelo **Dr. Affonso Costa**

MANDADOS IMPRIMIR POR UM FEHDPO DE AMIGOS

328 32
11 827 d

IMPrensa NACIONAL
RIO DE JANEIRO — 1942

EDUCAÇÃO FÍSICA

O SR. JORGE DE MORAES — Sr. Presidente, creio que serei perdoado em roubar uma parte do tempo precioso e sempre consagrado por esta casa aos grandes problemas de interesse nacional, ante a importância do assunto de que vou tratar, o mais resumidamente possível.

E' incontestável que ao futuro da Nação Brasileira se prende tudo aquilo que diz respeito ao desenvolvimento de sua raça, e, no entanto, é triste confessar que a educação física tem sido lamentosamente descurada nos programas gerais do ensino, quando a sua inclusão, submetida à orientação científica moderna, seria de absoluta necessidade.

O assunto com que ousou ocupar a atenção da Casa tem sido objeto de acurado estudo por parte de todos aqueles a quem incumbe esta ordem de coisas, em todos os países do velho continente, de par com o maravilhoso desenvolvimento da grande República Norteamericana.

A Alemanha, a pátria do antigo método agonístico, desde 1876 que sentiu a necessidade de uma reforma em seus programas referentes ao assunto, de modo a compreender de uma maneira completa a educação física da juventude.

Nesta campanha salientaram-se homens da estatura de Koch, Raydt, Schmitt, além de Von Gossler, o eminente ministro da instrução pública daquele país, e do incansável propagandista da educação física moderna, o ilustre deputado prussiano Schenkendorff.

Para mostrar a importância, o cuidado que tem havido nesse país em relação ao assunto, basta dizer que, além de inúmeros jornais dirigidos pelas primeiras sumidades médicas do país, só nos últimos dez anos foram publicadas 55 obras referentes ao assunto.

Para a França basta que lembre nomes como Berthelot, Lagrange, d'Arsonval, Demeny, Jules Simon e tantos outros. O que caracteriza de modo especial o renascimento da educação física na

DEPARTAMENTO DE IMPRENSA NACIONAL	
BIBLIOTECA	
NÚMERO	DATA
498	25/10/41

França é a sua perfeita orientação científica, e, segundo Mosso, Paris não hesitou em fundar uma escola na qual a fisiologia aplicada ao mais elevado objetivo que a ciência possui — o aperfeiçoamento físico do homem.

Quanto à ginástica propriamente dita, foi de grande vantagem a comissão de Hugues Le Roux à Suécia, durante a qual o soberano desse país disse ao comissionado pelo ministro da instrução pública da França que ele, admirador do povo francês, o melhor presente que lhe poderia fazer seria o método de Ling, *capaz*, como o foi, do renascimento de toda uma raça.

Na parte referente ao exército, a França tem um modelo no género, a escola criada em Grenelle, hoje em Vincennes, onde voltam de cinco em cinco anos para o exercício da educação física militar, 50 oficiais e 900 soldados.

Em relação à Áustria, basta que lembre Gauthier ministro da instrução pública. Quanto à Itália, cito os ministros da instrução pública, Galio e Nasi, além do sábio professor da Universidade de Turim, o ilustre dr. Angelo Mosso.

Para não cansar a atenção da Câmara, deixo de referir-me detalhadamente ao movimento feito em torno da educação física em outros países, elevada à altura que lhe é devida pelas Universidades e colégios da Inglaterra e Estados Unidos da América do Norte.

No entanto, não posso deixar de enunciar o pensamento de dois propagandistas destas ideias pela sua aplicabilidade ao Brasil. A primeira, de Mosso, que diz: é triste confessar que, sob este ponto de vista, somos inferiores a todas as grandes nações da Europa, nas quais todos os parlamentos tem discutido e ventilado a questão da educação física. A outra consiste em uma pergunta incisiva de Demeny: os criadores de animais reconheceram a superioridade da ciência, porque os homens da guerra e os políticos não farão o mesmo?

Tais citações, Sr. Presidente, parecem bastante para justificar a minha presença na tribuna, pedindo a realização de medidas para um povo que não se salienta na primeira condição necessária ao êxito neste mundo, segundo os desejos de Spencer: — ser um bom animal.

O tipo comum do brasileiro, sendo representante de uma raça nova, apresenta verdadeiros característicos de decadência.

O comum dos brasileiros apresenta-se com a coluna vertebral ligeiramente inclinada para diante, ombros mais ou menos caídos, amplitude torácica exígua e parco desenvolvimento muscular.

Esse homem pouca resistência oferecerá aos males que assolam a humanidade contemporânea assim como à luta dos diversos concorrentes da vida de hoje, tão movimentada, e em que o mais forte e resistente goza os proventos da vitória.

A vida em comum nos colégios, quartéis, institutos e outras agremiações exacerba de uma maneira frisante os inconvenientes do desleixo em que tem vivido até hoje a educação física do povo brasileiro.

Quanta vez o desfilar de uma dessas corporações não nos desola, *maxime* se representam as esperanças e o futuro deste país.

O filho do extremo sul, gozando de condições climatéricas de incontestável superioridade, nos mostra de quando em vez um belo tipo digno de ser imitado.

Mas os que na luta pela vida sofrem as ações depressivas do calor e da umidade são os que nos representam o estado atual e as tendências da raça brasileira.

Creio chegado o momento em que os competentes se devem pronunciar a respeito, no belo intuito de fazer tudo que nos falta e reformar sobretudo o hábito inveterado de não ligar importância a tão magno problema e do qual depende também o futuro deste país; reforma, sr. presidente, que, estou certo, será inspirada nas orientações fornecidas pela fisiologia, aplicada aos exercícios físicos, e que nos mostra que o fim supremo da educação física é tornar o homem robusto, habituar os seus órgãos internos, *maxime* o sistema nervoso e o coração, aos venenos da fadiga, isto é, aos produtos do gasto mais ou menos rápido do organismo pelos efeitos do trabalho.

Daí condenar de uma maneira absoluta a prática espalhada por todo o Brasil do antigo método ginástico alemão. Tal agonística com os aparelhos fixos determina uma fadiga prematura, sensação de esgotamento, abusando dos exercícios de suspensão e apoio, produzindo um desenvolvimento parcelado de grupos de músculos, completamente prejudicial ao conjunto harmónico e são do maquinismo humano.

São exercícios de suspensão que estudos muito bem feitos de anatomia comparada por Lagrange mostram servir em toda linha para os quadrumanos e não ao homem; são exercícios ginásticos,

que servirão para preparo de acrobatas, mas absolutamente não servem, repito, quando se tenha o intuito de um desenvolvimento harmónico e são da máquina animal.

Devemos opor também uma barreira aos perigos do atletismo; e, a respeito desta espécie de agonística, lembrarei que Galeno, médico da Escola de Gladiadores, ferido pela frequência de moléstias nessa corporação, e para mostrar que o excessivo desenvolvimento muscular, à custa de exercícios permanentes, não constitue estado hígido, chegou a afirmar: *Gymnastica ad sanitatem periculosa est.*

Na antiga Roma, os atletas eram pagos, admirados, mas nunca tidos entre os primeiros homens daquele tempo. Não eram dignos de consideração, e a arte não deixou de materializar para sempre o espírito desse apreço. De fato, diz Mosso, que a estátua de bronze encontrada na *Via Nazionale* representa a figura característica de um atleta; *quem a contemplar uma só vez jamais esquecerá a face estúpida e brutal daquele pugilista.*

Alem de não ser o tipo de beleza varonil, pois não possui a elegância de atitudes, a nobreza de movimentos, tem um curto domínio intelectual, digno de lástima. São homens preparados para as sensações de um espetáculo, mas não para servir de modelo a uma raça que pretenda desenvolver-se e dominar.

Já Platão condenava os atletas, não os admitia no número dos empregados públicos, porque eram os menos ativos dos cidadãos.

O SR. GERMANO HASSLOCHER — Mas Platão era idealista, não valia Aristóteles, que era realista.

O SR. JORGE DE MORAES — Aí era uma questão de método agonístico — das palestras ou dos jogos ao ar livre; ele era inimigo das palestras. . .

O SR. GERMANO HASSLOCHER — Aristóteles era amigo das palestras — os peripatéticos. . .

O SR. JORGE DE MORAES — Chegarei lá.

Dizia eu : aos atletas não era permitido combater em defesa da pátria, por serem, dentre todos os soldados, os que mais facilmente caíam doentes. E de fato, o atleta, tanto nos tempos passados como hoje, oferece facilidade relativa para ser invadido pelas infecções, *maxime* por este terrível *morbus* que tanto zomba da profilaxia e da terapêutica de todo o mundo — a tuberculose. De fato, de que vale uma bela caixa torácica se encerra pulmões miseráveis ?

Sr. Presidente, a falta de integralidade do problema pedagógico penso que foi uma das causas determinantes que levaram Emile Faguet a iniciar um artigo consagrado à educação nacional pela seguinte frase pessimista: "Não creio na pedagogia".

De fato, para o bom resultado das práticas pedagógicas, é necessário que a evolução dos princípios educativos acompanhe sempre bem de perto as necessidades da vida social no momento.

Os americanos nos dão o exemplo, mostrando que, em matéria de educação, deve-se dar o máximo desenvolvimento possível à arte de criar cidadãos.

Claro é que nesta fórmula está reservada uma parte, um lugar importante para o que podemos chamar zootecnia humana, que é incontestavelmente do domínio da pedagogia. No entanto, o problema da educação física não será resolvido exclusivamente pelo professor de ginástica, pelo militar, nem tão pouco pelo professor de pedagogia.

Por qualquer face que a questão seja encarada, ver-se-á a absoluta dependência em que está da fisiologia e da higiene.

De fato sr. Presidente, para conhecer o valor do exercício ginástico, é necessário que ele satisfaça três condições principais.

E' util? Tem um fim fisiológico? O organismo terá lucro com a sua execução? E, à parte o belo exemplo dado pela iniciativa particular de poucas sociedades e raros colégios, tudo o que se faz no Brasil longe está de satisfazer afirmativamente aquela tríplice pergunta, e pertence, ao domínio da ginástica deformante, como acertadamente chamou Lagrange.

Quanto à ginástica propriamente dita, para a formação de uma palestra (termo com que os antigos denominavam os institutos gínicos), somos forçados, pela orientação científica contemporânea, a voltar os olhos para a Suécia, para o método de Ling., com todas as modificações que a experiência e o tempo foram apontando.

A superioridade desse método agonístico está em que ali nenhum exercício é feito sem uma determinação científica de suas causas e de seus efeitos anatómicos e fisiológicos, bem como de seus princípios e de suas consequências.

Evidencia-se ainda a superioridade do método sueco pela sua extensão prática, pois serve a ambos os sexos, a todas as idades e constituições orgânicas. E' um método ginástico que parece compro-

var a idêntica origem da medicina e da ginástica, pois dele se originou toda a mecanoterapia moderna.

No entanto, a senda aberta, pela ciência, sobre este assunto mostra que o problema da educação física é incompleto, quando se reserva tudo para a parte preposta à palestra. A tendência moderna consiste em dar o maior desenvolvimento aos exercícios nos espaços amplos e ao ar livre.

Um grande batalhador desse processo de educação física, que tem sido desprezado no Brasil, disse com muita justeza: "o vigor de um homem não depende de uma só causa, mas é o resultado de funções complexas".

O sistema nervoso, o coração, os órgãos digestivos são mais importantes do que os músculos, e para que se há de dar maior desenvolvimento a estes ?

A canoagem, os exercícios ao ar livre, a carreira, jogos que determinam sensação de fadiga geral é que são úteis, é que constituem a verdadeira orientação da educação física contemporânea.

Para a aplicação de tal princípio no exército, lembro mais uma vez a escola de Grénelles, hoje em Vincennes, onde tudo é feito de modo a produzir um *entrainement* gradual, por dificuldades sempre crescentes, onde nada é esquecido, afim de formar um excelente soldado; escola onde foram feitas as célebres experiências de Marey e onde, como já tive ocasião de dizer, de cinco em cinco anos voltam a passar seis meses em exercícios, 50 oficiais e 900 soldados.

Creio que a fundação de uma escola idêntica na capital do país será de incontestável vantagem e dela partirão, como acontece em França, todos os instrutores de ginástica para os diversos corpos do exército espalhado pela República.

Do mesmo modo a escola civil proposta em projeto que terei a honra de submeter à consideração da Casa, fornecerá os professores de educação física para todos os colégios existentes no País. Em nossos dias o professor de ginástica necessita de uma soma regular de conhecimentos que só um curso bem organizado pode fornecer. Figuram no primeiro plano a anatomia, a fisiologia, princípios gerais da higiene, a história e evolução da educação física bem como o conhecimento completo de todos os processos aconselhados para o fim que se pretende colimar.

Pena é que um dispositivo constitucional não permita a obrigatoriedade de tais medidas e com uma extensão pela educação completa do povo brasileiro.

No entanto, muito se pode fazer, na altura dos desejos dos que se interessam neste sentido, e é assim que a educação, sob os dois pontos porque a encarei, pode perfeitamente ser introduzida, desde já, nos programas de diversos estabelecimentos, como o Ginásio Nacional, o que provocará idêntico movimento de estabelecimentos equiparados, Escola Militar, Colégio Militar e Escola de Aprendizes de Marinheiros.

Quanto às escolas superiores do país, que poderiam muito bem imitar as universidades da Inglaterra e da América do Norte, fácil seria adquirir terrenos amplos, onde possam exercitar-se com jogos ao ar livre e onde os *matches* sirvam de estímulo à mocidade bem desenvolvida.

A propósito desses espaços livres, que a tendência moderna manda que uma vez por semana, ao menos, sejam entregues ao povo, não me posso furtar ao desejo de ler uma página magistral de A. Mosso, professor da Universidade de Turim :

"A sociedade moderna prepara tristes dias aos desherdados da fortuna e aos filhos do trabalho. O terreno livre torna-se cada vez mais exíguo e o ar são cada vez mais caro. As cidades modernas são como os monstros que crescem sob condições patológicas, onde o cérebro e os músculos (que são os escritórios e *ateliers*) sufoam os órgãos da respiração (que são as praças e os jardins).

E' preciso que a democracia se ocupe deste problema, faça a propaganda em favor dos jogos para as crianças e para o povo, impeça que o pouco que resta ainda de espaços livres nas cidades não se venda para a construção de edifícios que mais e mais vão tornar mau o ar das cidades empestadas pelo fumo e emanações das usinas,

Os ricos podem ir para o campo, para as estações balneares e montanhas, no intuito de respirar o ar puro, quando a existência nas cidades se torna mais opressiva. Mas o pobre é obrigado a ficar. Será justo que os proletários, os trabalhadores, os empregados e as gentes de classe média, que constituem as facções mais numerosas das populações urbanas, possam ter um pouco de espaço, tão necessário para si como para seus filhos".

Antes de terminar, sr. presidente, permita v. exc. que eu faça um apelo à imprensa do país, sempre pronta para a propaganda de ideias do interesse nacional, pedindo-lhe que tome a si a causa, que tão pobremente se viu amparada pelo mais humilde representante da Nação (*não apoiados*), de maneira que os vindouros, ainda

que em futuro muito remoto, possam se referir aos brasileiros como Heródoto o fez relativamente a um povo da antiguidade :

"Quem contemplasse os Jônios, nas festas dedicadas a Apoio, acreditaria que esses homens eram imortais, e viviam em uma eterna primavera de beleza juvenil". (*Muito bem ; muito bem. O orador é muito cumprimentado*) .

PROJETO

O Congresso Nacional resolve :

Art. 1.^o — Ficam criadas duas escolas de educação física, sendo uma militar e outra civil.

§ Para a instalação da primeira, fica o governo autorizado a comissionar oficiais de terra e mar, para estudarem na Europa e América do Norte o que existe de melhor na espécie.

§ Quanto à escola civil, poderá igualmente comissionar pessoal idóneo ou contratá-lo imediatamente.

Art. 2." — Fica o poder executivo autorizado a adquirir terrenos para que a mocidade das escolas superiores possa, em espaços apropriados, dar-se à prática dos jogos ao ar livre.

Art. 3." — O governo deverá instituir desde já a prática da ginástica sueca e jogos ao ar livre nos seguintes estabelecimentos: Ginásio Nacional, Colégio Militar e Escolas de Aprendizes de Marinheiros.

Sala das sessões, 21 de setembro de 1905.

JORGE DE MORAES

JORGE DE MORAES

DISCURSO

1927

DISCURSO PRONUNCIADO PELO DR. JORGE DE
MORAES NA SESSÃO DE 30 DE JUNHO DE 1927 NA
CÂMARA DOS DEPUTADOS

Diário Oficial de 10 de Julho de 1927

DR. JORGE DE MORAES — Sr. Presidente, há longos anos agitei no seio do Congresso Nacional, vários aspectos do problema do qual decorre, inexoravelmente, o futuro, a eficiência da nossa nacionalidade, visto que diz de perto com o estroma fundamental do seu povo, qual a energia física e mental do homem.

Ligo essas duas maneiras de ser pela sua forçosa indivisibilidade em face dos ensinamentos da fisiopatologia e das lições salutaras da higiene.

Da primeira feita, propus a criação de duas escolas de educação física, uma civil e outra militar, a primeira destinada ao preparo dos indivíduos a quem se iria encarregar do ensino, pelo Brasil, afora, no lar, na escola, na universidade, na caserna, nas associações esportivas, enfim, por todo lugar onde se cogitasse do assunto.

O segundo desses estabelecimentos, com objetivos militares, de acordo, como eu então pedia, com a escola Joinville Le Pont, visava preparar os monitores indispensáveis a distribuir, por todas as unidades do Exército e da Marinha e também onde fizessem estágio soldados e oficiais, a juízo do Governo, tal qual acontece na França na Bélgica, na Alemanha e em outros países.

No momento em que sugeri este patriótico alvitre, recorde-me ter salientado a necessidade imperiosa de reservar o poder público espaço que servisse para os jogos ao ar livre, tendo em vista, certa infância e juventude.

Faço questão de me referir a esse ponto, porque, daqui a pouco, terei de opor restrições ao que há sucedido pelo Brasil inteiro, entregue a um empirismo desordenado e funesto.

Aludindo a essa circunstância indispensável, citei, naquela oportunidade, a opinião de Angelo Mosso, o eminente professor de fisiologia da Universidade de Turim, o fisiologista que se pode dizer universal, o fundador do Observatório Regina Margherita, no alto do monte Branco, autor dos célebres volumes intitulados "O homem nos Alpes", a personalidade à qual os fisiologistas do mundo inteiro prestaram, mais tarde, homenagem extraordinária, denominando aquele notável instituto de fisiologia, por onde tem passado em épocas sucessivas, diversos sábios da América e da Europa: Instituto Mosso, tal é a pujança, o valor da mentalidade para quem apelo.

Diz o ilustre professor :

"A sociedade moderna prepara tristes dias aos desherdados da fortuna e aos filhos do trabalho. O terreno livre torna-se cada vez mais exíguo e o ar cada vez mais caro. As cidades modernas são como -os monstros, que crescem sob condições patológicas, onde o cérebro e os músculos (que são os escritórios e os ateliers) sufocam os outros da respiração (que são as praças e os jardins)".

Repito que é de caso pensado que me reporto a tal alusão, para que se compreenda com nitidez as restrições que se vão seguir.

Sr. Presidente — esse projeto por mim apresentado, além das medidas que apontei há pouco, visava comissionar civis e militares, para percorrerem os países cultos do mundo e lá angariarem os conhecimentos necessários à fundação dos dois institutos a que me reporto.

Esse projeto dorme o sono letárgico, não mortal, nas profundezas dessa coisa abstrata e profundamente opienta, que é uma pasta da Comissão na Câmara dos Deputados destinada a este ou aquele assunto. E' fato que devo fazer uma exceção quanto à comissão de Instrução Pública da época, visto que o seu relator, o operoso e distintíssimo ex-deputado pernambucano, Dr. Affonso Costa, vazou em admirável parecer, considerações de ordem científica e prática, que seria vergonha não subscrever.

De outras vezes — Sr. Presidente — visando o mesmo assunto, encarei-o pelo lado militar, pelo lado do preparo do soldado brasileiro. Indaguei, se porventura, alguém havia cogitado das observações necessárias, afim de determinar a altura média do brasileiro, desde o Amazonas ao Rio Grande do Sul, para assim especificar a

do soldado de infantaria e qual a de outras armas. Nada, nada se havia feito. O critério consistia em transplantar coisas antigas de Portugal para o Brasil, como se o Brasil já não fosse qualquer coisa de diferenciado.

SR. BENTO DE MIRANDA — Há estudo muito adiantado nesse sentido, pelo professor Roquette Pinto.

SR. JORGE DE MORAES — Não conheço esse trabalho.

SR. BENTO DE MIRANDA — Ainda não foi publicado, mas o fato é que está sendo elaborado há vários anos, baseado, justamente, em nossa organização militar.

SR. JORGE DE MORAES — Agradeço muito o aparte de V. Excelsência mas, como vê, estou com a razão, dizendo que não o conheço. Não foi publicado ; é como se não existisse.

SR. BENTO DE MIRANDA — Ainda há um mês o professor Roquette Pinto me disse que esse trabalho estava muito adiantado.

SR. JORGE DE MORAES — Continuo a afirmar: é como se não existisse ; eis porque não o conheço. Como o nobre deputado acaba de relatar, é uma coisa em ser. Terei muita satisfação em o apreciar depois. Sr. Presidente, desconhecendo-se a altura média do brasileiro, indagava eu, porque lhe determinaram a extensão do passo ou seu ritmo !

Porque foi ela marcada em menor escala, relativamente ao soldado japonês, que tem pernas mais curtas ?

Todas essas questões já foram por mim tratadas, quando me reportava às dificuldades que devem existir para um comandante que, à frente de uma companhia, tem necessidade de saber a máquina que comanda, de estar a par de sua resistência.

Para provar que o brasileiro não era um ser extraordinário, um caso anômalo da natureza, relatei, com minúcias, estudos feitos por pessoas competentes, quanto ao homem de outras nacionalidades, tomando-lhe a altura, medindo-lhe o traçado esfigmográfico, traçado rítmico de seu coração, e seus movimentos respiratórios ao partir procedendo a novas mensurações depois do primeiro, do segundo, do terceiro ou quarto quilômetro, afim de que o comandante, conhecendo perfeitamente a sua gente, possa dizer : saio hoje, caminho tantos quilômetros por hora, e chegarei com tropa fresca para entrar em combate, daqui a tal ou qual distância.

Só assim se poderá fazer alguma coisa de preciso e prático.

Entre nós nada havia a respeito.

Ainda quanto ao preparo individual dos soldados, referi-me à identificação dos indivíduos a que os franceses denominam "malin-gres", os fracos, para que só depois de preparo muito especial, possam ser integrados na companhia dos médios e fortes, elementos constitutivos da unidade a que pertencem; para esse proveitoso resultado se deveria instituir a obrigatoriedade das fixas individuais.

Hoje, estou informado de que, como um dos bons resultados da Missão Francesa, já existe manual atinente à espécie, talvez muito estreitamente ligado ao que se passa na França, especialmente ao que se refere a exercício gímico.

Quando tiver oportunidade, tratarei do assunto sob essa face, porque, desde 1859, existe no Brasil determinação a respeito, mas somente no papel.

Quanto à Missão Francesa, ainda hoje tive em mãos um volume relativo a essa matéria; restará indagar se as suas disposições entraram rigorosamente na prática de todas as unidades do nosso exército.

O fato é que são passados, Sr. Presidente, 22 anos depois da apresentação do projeto; 22 anos, a meu ver, perdidos — espaço de uma geração de brasileiros que continuaram entregues aos perigos e as funestas consequências de um empirismo cego e prejudicial.

Não me esqueci, naquele momento, de chamar a atenção de meus ilustres colegas para o trabalho e providência revelados por todos os parlamentares do mundo.

Comecei por aludir à campanha do deputado prussiano Schenkendorff que, já em 1876, agitava o problema no seio do Congresso tudesco. Citando a Alemanha também naquela oportunidade recordei a ação proveitosa e patriótica do Ministro da Instrução Pública, Von Grosler, além da campanha empreendida por diversos homens políticos e sábios daquele país, como Koch, Schemith e tantos outros.

Notifiquei na Áustria, o grande papel de Gautch, Ministro da Instrução Pública, naquele tempo, os de Nasi e Gallo, Ministros da Instrução Pública na Itália.

Salientei os esforços do notável professor, a que há pouco me referi com a máxima justiça, Angelo Mosso. Na França fiz a devida justiça a diversos ministros de Instrução Pública que também cogitaram do assunto produzindo salutar agitação no Parlamento da República; nesse país seria um nunca acabar de citações de nomes de respeitabilidade extraordinária, a começar por Marey, grande

vulto da fisiologia moderna ao lado de Bertholet, Lagrange, Darsonval, Demeny, Tissier, barão de Cubertin, etc., etc. Para induzir o Congresso de seu país ao estudo do problema, buscando resolvê-lo, dizia, em uma lamentação eloquente, o professor italiano que tanto cito, há 30 anos:

"É triste confessar que, sob esse ponto de vista, somos inferiores a todas as nações da Europa, nas quais todos os parlamentos discutiram e ventilaram a questão da educação física".

Em nosso país, até hoje, o Congresso resolveu silenciar a respeito!

Se para a Itália recordei à Câmara o sentir de Mosso, não resisto hoje, ao desejo de repetir as palavras de outra autoridade extraordinária na matéria, qual a de George Demeny, eminente professor e especialista francês. A Câmara relevará que o meu discurso contenha várias citações; mas como tenho desejo — e vou realizá-lo — de lutar contra diversos preconceitos profundamente arraigados, procurar corrigir erros, vícios funestamente incluídos na prática da nossa educação física, julgo-me na necessidade de amparar-me em autoridade de valor incontestável.

Eis porque me socorro agora, de George Demeny, que incisivamente indagava:

"Os criadores de animais reconheceram a superioridade da ciência, porque os homens da guerra e os políticos não farão o mesmo?"

Quem assim se pronunciou, teve a grande responsabilidade de fundar o laboratório de Marey, famoso autor do memorável trabalho "La machine animale" e foi continuador da obra deste. E nesse extraordinário centro de pesquisas, se iniciou o estudo do movimento dos animais e do homem, base fundamental do que se pode chamar, hoje, a educação física científica. Dele foi que nasceu essa verdadeira maravilha de hoje, o cinematógrafo.

Diz o professor Perriér que em geral, na atualidade se esquece que foi a imaginação "do mais amável e engenhoso dos fisiologistas" a inventora da cinematografia. Na realidade, foi o grande sábio que primeiro estudou analiticamente o movimento dos animais e do homem, organizando com os primeiros instantâneos fotográficos o dispositivo que à semelhança do "zootropo" deu à nossa retina a

ilusão do movimento. Do cérebro privilegiado do mestre, nasceu ainda, a máquina fotográfica em forma de espingarda, que acompanhando o voo de uma ave, conseguia sucessivos clichés para depois proceder o exame detalhado do animal em rápida deslocação.

Foi ele, ainda, o artístico autor de moldes especiais de gesso de aves em diferentes fases de voo, e que de muito serviram para a confecção de aeroplanos, outro assombro que aí está, nos emocionando. Foi nesse centro de cultura, que seus continuadores aperfeiçoaram tais descobertas, até o ponto de conseguir surpreender com sucessivos instantâneos o movimento extraordinário de uma asa de mosquito causa do zumbido que lhe é próprio, que por sua rapidez está quase no limite do número de vibrações percebidas pelo ouvido humano — 38.000 por segundo !

Assim o cinema, que, partindo do laboratório de fisiologia, invadiu as salas de espetáculos, mais tarde voltou ao nascedouro, como filho pródigo, afim de nos elucidar sobre a intimidade dos curiosíssimos fenómenos do mundo vivo, ora precipitando, ora retardando com a máxima lentidão a série de imagens projetadas !

E' para George Demeny que o orador deve apelar no decurso de suas considerações.

O fato, Sr. Presidente, é que todas as nações cultivavam e cultivam a prática da educação científica, visando a melhor eficiência de seu povo, tornando cada homem válido, na indústria ou em qualquer outra profissão que adotar, quer na paz, quer na guerra.

Enquanto isso o Brasil ficou em atraso, deixando criminosamente passar esse período de 22 anos a que me referi, sem adotar os ensinamentos da ciência.

Urge, Sr. Presidente, que o Governo desperte, que o Parlamento e o Executivo tomem medidas no sentido de organizar um aparelhamento de educação física, para que o brasileiro não continue evoluindo entregue a erros, a preconceitos que são prejudiciais à raça.

SR. ÁLVARO PAES — Apesar de retardatário, iniciamos o melhoramento do gado antes de iniciarmos o da espécie humana.

SR. JORGE DE MORAES — Perfeitamente. De acordo com o aparte de V. Ex. Há pouco referi o pensamento de George Demeny. indagando : se os próprios criadores de animais reconheceram o Valor da ciência, como é que os políticos e os homens da guerra não entendem assim ? Para que se dê uma orientação científica ao pro-

blema será ainda preciso repetir que a educação do homem deve ser integral ?

Na hora mundial, em que os valores se medem pela eficiência de cada indivíduo, durante a paz e durante a guerra, será ainda do domínio geral dos brasileiros que o exercício físico seja contrário ao desenvolvimento intelectual ?

Estaremos ainda no tempo em que o intelectual julgava com certa displicência esta questão, quase jactante, das suas precárias condições físicas ? Para despertar a atenção dos competentes na espécie, será necessário repetir velharias, através das quais surgem os nomes de Platão, de Sócrates, de Eurípedes, Pitágoras e outros grandes pensadores, e que simultaneamente dispunham de físico magnífico ?

Não creio, Sr. Presidente, que continue a imperar nos domínios da intelectualidade brasileira essa doentia incompatibilidade. Se assim fosse, penso que os intelectuais deveriam nadar em um mar de delícias ao acompanhar a imaginação febricitante de Wells, quando, em um prognóstico muito original, nos descreve o homem de um futuro remotíssimo — com uma cabeça enorme, tórax restrito. membros atrofiados quase sem locomoção, arrastando-se para o avião que o deve levar pelo espaço afora, na vertigem da vida então fantásticamente alucinante. . .

Mas, já em 1869, o grande Taine amedrontava os biólogos, quando depois da sua célebre viagem à Itália e à Grécia, ponderava :

"O homem tornou-se um prodigioso cérebro, alma infinita, para quem os seus não passam de apêndices, para quem os sentimentos nada mais são do que servos; insaciável em suas curiosidades e ambições, dominado pela investigação e conquistas, com frêmitos de explosões que lhe desconcertam a estrutura animal e estragam o suporte corporal; arrastado em todos os sentidos até os confins do mundo real ou às profundezas do mundo imaginário, ora inebriado, ora oprimido pela imensidade de suas aquisições lançado nas asas de um sonho doloroso, intenso e grande como o de Beethoven, Heine, um Fausto, ou reapertado pela compressão de seu posto social e curvo para um só lado, para uma só especialidade ou monomania !"

Na verdade, é de fácil constatação que o "pejamento da cabeça, a multiplicidade e contradições das doutrinas, o excesso de vida ce-

rebral, os hábitos sedentários e a excitação das capitais o transformaram".

Não é possível prolongar ilusões, o desenvolvimento integral do homem se impõe. O exercício físico é indispensável ante à solidariedade das funções orgânicas por ele reforçadas.

São por demais conhecidos os seus benefícios vivificadores sobre a nutrição geral, sobre a respiração, sobre a circulação, sobre a atitude geral do indivíduo, sobre o sistema nervoso, sobre tudo quanto é órgão e função.

SR. ÁLVARO PAES — Sobre a saúde, em geral, sobre a beleza.

SR. JORGE DE MORAES — Perfeitamente, como diz o ilustre aparteante, além de mais fácil conservação da saúde, vencendo os venenos da fadiga, eles proporcionam graça, força, elegância e mais do que isso, a alegria de viver.

SR. ÁLVARO PAES — Foram os jogos olímpicos da Grécia, que produziram os tipos de beleza que deram o modelo à Vénus de Milo e a Apolo.

SR. JORGE DE MORAES — Perfeitamente, e a estatuária conserva, diversos espécimes de beleza para estudo sob o ponto de vista anatómico e fisiológico, muito útil às gerações modernas.

Dos benefícios evidentes do exercício, em traços largos, apontados por Boigey, figura em primeiro lugar, quanto à criança, o aumento das forças respiratórias. Só esse ponto daria força extraordinária à sua prática. Causou certo espanto o sábio que, uma vez, se lembrou de dizer que o homem não sabe respirar. No entanto, é pura verdade, e para obviar essa criminosa falta, o exercício respiratório se tornou indispensável a todos. Dizia eu que essas vantagens se podem sintetizar :

"Na criança, o exercício determina ainda a regularização de seu crescimento ; o aperfeiçoamento da atitude geral.

No adolescente, aceleração da hematopoese, além de efeitos tônicos sobre o sistema nervoso.

No homem jovem, crescimento da força, aumento do peso específico do corpo ; estabilização do ritmo cardíaco e respiratório, além da aceleração das respostas motoras às excitações sensitivo-sensoriais.

No homem maduro, estabilização da toxidez urinária.

No velho, estabilização do volume, flexibilidade e tonicidade dos músculos, afora o entretenimento e aceleração das trocas nutritivas".

Claro é, Sr. Presidente, que me refiro a exercícios racionalmente orientados, atendendo ao coeficiente individual, ao sexo, à idade, às condições do meio, aos climas, mas, sobretudo, à sua medida.

E' incontestável que o excesso gímico pode ser prejudicial. Não há dúvida nenhuma. Basta tomar em conta as reclamações extraordinárias dos pedagogos, neste sentido ; são resultados do abuso do exercício em que se tem lançado a juventude em geral, e, permitam-me dizer, sob certo ponto de vista, particularmente no Brasil. E' fato conhecido, após tais excessos, a entrada dos alunos nas aulas debaixo de uma excitação extraordinária intoxicados pelos venenos da fadiga e, assim impossibilitados de fazer um estudo qualquer, porque erro houve quando se julgava que os exercícios gímicos eram derivativos aconselhados para a fadiga mental. Não o são, absolutamente, porque ambas as funções produzem os mesmos tóxicos, as mesmas condições funestas sobre todo o organismo. Daí a necessidade da divisão de um horário rigorosamente feito na espécie com supremacia do tempo destinado aos estudos. Ve-se pelas considerações que venho fazendo, não se tratar de uma frioleira de nonada, os cuidados a ter sobre a educação física, mas de problema grave, ingente, do qual resulta o futuro do Brasil.

Sr. Presidente, depois da minha iniciativa a esse respeito, continuou o nosso Parlamento alheio aos avisos da ciência, enquanto que outras nacionalidades procuravam legislar, organizando aparelhos indispensáveis à orientação e à fiscalização da educação física, feita sob o ponto de vista racional, comparecendo a todos os congressos internacionais, criando conselhos superiores de educação física, adstritos aos ministérios, comités, consultores anexos às universidades, etc., etc.

E nós, fora do Congresso, que temos feito ? Ideias, livros, destacam notáveis professores de higiene através páginas de grande saber, mas sem repercussão eficiente, não podendo vencer o empirismo cego a que se lançou toda a mocidade brasileira: conferências magníficas, sob vários pontos de vista, como aquele a que me referi há pouco realizada pelo eminente professor Mauricio de Medeiros na Associação Cristã de Moços.

SR. MAURÍCIO DE MEDEIROS — Agradecido a V. Ex.

SR. JORGE DE MORAES — Aos intelectuais que se julgam jactantes, como eu dizia, de suas precárias condições físicas, aconselho a leitura dessa brilhante conferência do nosso ilustre colega.

SR. VIRIATO CORRÊA — Muitos deles teem grande pena dessas misérias físicas. . .

SR. JORGE DE MORAES — E vemos, Sr. Presidente, colégios, escolas, associações desportivas completamente desorientadas nesse sentido, escolas que, de quando em quando, produzem efeito extraordinário, para os que se deixam dominar pelas brilhanturas do espetáculo que o cinema reproduzirá para gozo da vista recreada com a simultaneidade de movimentos de conjunto, sem indagação do porquê, sem cuidar dos seus efeitos reais. E possuindo nós um Departamento Nacional de Saúde Pública, com várias inspetorias, é lamentável a falha, o vazio, que hoje se nota em todo o país a esse respeito. Por que não existir uma inspetoria especializada, capaz de fiscalizar todos esses desmandos nocivos ao futuro da Brasil?

Devemos fazer justiça às iniciativas particulares, às associações esportivas brasileiras. Foram elas que despertaram no povo brasileiro o sentimento da educação física. A imprensa, por outro lado como educadora, tem papel importantíssimo no caso, quando não disvirtuada, da mesma maneira por que o foram as associações dedicadas ao *sport*. Precisamos, porem, conhecer que ambos esses valiosos elementos chamaram a atenção do Brasil para o magno problema, enquanto o Parlamento e o Governo cruzavam os braços.

Completa o quadro a generalidade dos poucos afeiçoados à ginástica, entregues a errôneos exercícios quase sempre produtores do desenvolvimento desharmônico e excessivo dos músculos sob conselhos dos Muller, Sandow, Desbonet, e outros supostos educadores do físico humano.

O abuso e desvirtuamento da educação desportiva, no entanto, já começou a produzir clamor em toda parte. Na América, na Inglaterra, na França, na Itália, as reclamações são extraordinariamente vibrantes. Mas, antes de entrar propriamente no exame dessas lamentáveis irregularidades, convém, para demonstração de sua inferioridade educativa, estabelecer contraste entre o que se chama "educação física desportiva" e o que se denominará "ginástica analítica" de "formação" e base científica. A primeira encerra uma ideia de luta, de combate, perdendo por completo a sua primi-

tiva função, enquanto a outra segue pedagogicamente a evolução que deve acompanhar o indivíduo que se exercita.

Num caso, o *sport* é um fim, preocupado com o, intuito constante de melhorar condições de tempo e de espaço, lançando o indivíduo a esforços desabalados, até o rendimento máximo, inteiramente sem escrúpulos, sem cogitar das consequências funestas, imediatas e remotas, sobre o organismo humano; noutro, a *ginástica analítica* não constitue um fim, é, antes, um meio harmônico de desenvolvimento, pois dosa todos os exercícios de acordo com a capacidade individual. Ao passo que a ginástica analítica serve a todos, indo procurar particularmente, os fracos, que são os mais necessitados, a ginástica desportiva só beneficia pequena minoria com sacrifício perigoso da grande massa que aí fica desamparada.

Alem disso, Sr. Presidente, a educação física desportiva oferece perigos relevantes, a começar pela especialização. É do domínio de todos que o *sportsman* tenta sempre aperfeiçoar-se exclusivamente neste ou naquele género. O indivíduo que corre, corre somente, e quando o faz, em regra, ainda restringe o seu exercício a esta ou aquela variedade de corrida. Se salta, salta unicamente, com ou sem vara, com carreira prévia ou sem ela. Se lança pesos, se lança discos, não passa desse exercício em que emprega todas as suas energias. São especialistas que se exibem exclusivamente na prática do exercício desportivo escolhido.

Em que pode aperfeiçoar a raça a prática de um povo que possui grupos de reduzido número de indivíduos, em que um salta admiravelmente, outro corre com rapidez, outro lança a distâncias enormes um determinado peso?

SR. BENTO DE MIRANDA — O remo, por exemplo, é um *sport* muito completo.

SR. JORGE DE MORAES — É um *sport* completo, mas não deve ser usado até certa idade, nem com exageros e sem exclusivismos, como o nobre deputado vai verificar daqui há pouco. A criança, por exemplo, nunca deve remar.

Mas, dizia eu, sr. Presidente, em que pode melhorar a raça com o que se denomina "especialização"? Enquanto que na educação física racional e analítica todos se exercitam, jovens, velhos, mulheres homens, crianças, no *sport*, tal como acontece, vê-se enorme estádio onde dois grupos, no máximo de 11 indivíduos, se exercitam e 10.000 olham e torcem, como se olhar e torcer por tal ou qual cor de club, constituísse exercício físico e a raça pudesse daí se beneficiar!

A lógica mandaria que todos os assistentes a esses exercícios fossem para o estádio e compartilhassem de seus benefícios. Seria coisa extraordinária e nunca vista? Não. É o que sucede na Suécia. As primeiras horas da noite, é de ver, ao fecharem os *ateliers* os escritórios e outros centro de trabalho, todos se dirigem para os institutos, mulheres, homens, velhos e crianças, afim de se entregarem a exercícios ginásticos, sob os fundamentos de Ling, usando ainda prática de hidroterapia para o que se acha convenientemente preparado cada um dos mesmos estabelecimentos.

É esta a educação de levantar uma raça, não a que se limita a pequenos grupos em que os outros assistem e depois discutem com maior ou menor azedume e paixão. Já Torngren, diretor do Instituto de Estocolmo, dizia, há muito tempo: "Devemos evitar a divisão dos homens em executantes e espectadores".

É claro. Existe, ao demais, circunstância especialíssima, à qual alude um capitão de corveta da marinha francesa e que tem dedicado o último quartel da vida, ao estudo completo da questão que me trouxe à tribuna. Quero-me referir à infelicidade com que a juventude se lançou aos *sports* de forma assaz abusiva, que a sua prática favorita neste ou naquele género a transformou em indivíduos verdadeiros maníacos. É observação de grande valor porque se refere à França; ainda não estou aplicando "el cuento a nosotros". Diz o diretor do colégio de atletas de Reims que esses indivíduos criam uma mentalidade especial. Para eles tudo serve de pretexto para a luta, para o combate, para querer vencer. Não podem passar sem um rival e procuram febrilmente as dificuldades.

Constituem mentalidade doentia que jamais poderá ser favorável ao desenvolvimento da raça de país algum.

Aludindo ainda aos excessos de tais maníacos, diz haver uma neurastenia de esgotados físicos, muito mais difícil de fazer desaparecer de que as dos esgotados cerebrais. É um fato.

Sr. Presidente, não quero fatigar a Câmara, acompanhando o ilustre especialista, para mostrar como são inúmeros e graves os contrastes existentes entre a educação física desportiva e aquela que é racionalmente prática.

Não posso, entretanto, deixar de citar o estudo de Felipe Tissier, quando, ao receber um indivíduo de caixa torácica defeituosa por motivo de moléstia fez experimentalmente o estudo comparativo dessas mentalidades: Estabeleceu que esse indivíduo primeiramente executasse ginástica desportiva — que, no caso, foi uma

carreira rápida e ascensional; submeteu-o, em seguida, a um repouso; depois, prescreveu-lhe novos exercícios, mas então, sob o ponto de vista racional, analítico, sob bases científicas; o resultado foi extraordinariamente convincente.

Os traçados cirtométricos daquele tórax mostravam as vantagens consideráveis da educação física analítica sobre a outra, de efeitos francamente inferiores.

Estas considerações nos obrigam a refletir maduramente sobre esse ponto capital: o *sport* na sua inaplicabilidade a todos, na sua produção de desenvolvimentos *desharmônicos*, na sua impossibilidade de correção de atitudes, com ausência de dosagem, jamais se preocupando com o "porquê" de seus movimentos, forçosamente não preencherá todas as condições com que a ginástica analítica beneficia os seus executantes.

Assim, o abuso inqualificável de aplicar às crianças e aos adolescentes o exercício desportivo é verdadeiro crime, visto que esse período da vida é incompatível com a violência; é a época de pleno crescimento, é a hora da instalação da puberdade, causa de transformações orgânicas muito sérias; é o momento em que as extremidades ósseas são sede de viva congestão; em que as articulações são fragilíssimas ao traumatismo; em que a fadiga é rápida e, portanto, perigosíssima pelas suas intoxicações intensas e variadas; em que a sobrecarga do coração e dos pulmões se tornam incompatíveis, em face do desequilíbrio nessa hora existente entre essas duas funções primordiais para o organismo humano.

A criança, naturalmente, lucra com os movimentos ao ar livre. Não há dúvida que a sua sede de movimentos lhe vem desde o tempo de sua formação no organismo materno, desde a vida intra-uterina, continuando sempre a demonstrá-la através os primeiros anos de sua vida, circunstância de tal importância que não deixou de ser respeitada, pela própria *pedologia*, como se verifica do método de Montessori: mas, destacar uma criança para defesa de um campo de luta, exigindo-lhe um golpe de vista rápido, para avaliar a situação do adversário afim de atacá-lo sob regras precisas e *vencê-lo*, seria na fase de um mestre, fazer fisiologia às avessas. Seria começar pelo fim.

De fato, Sr. Presidente, para aplicar a educação física à infância é necessário conhecer as leis que a regem, do contrário as consequências só poderão ser desastrosas. Vejamos agora os inconvenientes que naturalmente decorrem de emulação posta em prova

pela educação física desportiva. Todos os pedagogos, todos os que se dedicam ao estudo da pedologia, sabem a arma perigosa que é a emulação.

O cuidado com que veem agindo, em sua aplicação aqueles que sentem sobre si responsabilidades relativas ao ensino, patenteia o perigo dessa arma de dois gumes. Se assim acontece quando se cogita em ativar os proveitos da educação intelectual, o que dizer dos exercícios físicos feitos em grande espetáculo, na presença de público, pronto a apaixonar-se com aplausos em sinais de reprovação, lançando dest'arte o jogador na prática de esforços além de sua capacidade? E' claro que tal emulação é mais perigosa que qualquer outra. As observações vieram confirmar a sentença.

Na reunião do Comité Consultivo de Higiene, em Abril de 1922, o ministro de Instrução Pública de França, chamou a atenção dos presentes, entre os quais se encontravam diversos parlamentares, para os exageros dos *sports*, e disse: "O esforço atlético sem freios, conduziu certo número de nossos jovens a uma moléstia que, em linguagem desportiva, chamamos *claquage*."

Na verdade, nos conselhos de revisão de 1922, foram eliminados certos jovens, porque sofriam dessa nova moléstia a que denominaram "*coeur claqué, couer brisé*" — coração falido — dizemos nós. Corações que pela violência despendida se hipertrofiaram ou se dilatam tornando-se fracos, desfalecentes, a tal ponto que os seus portadores não podem mais despende o menor esforço; eis por que esses indivíduos foram excluídos das fileiras do exército.

São palavras de Tissié ao constatar a lamentável descoberta:

"A discussão, que se abriu em seguida a esse discurso, foi sobre a infeliz percentagem dos corações desfalecidos da classe de 1922, devido ao abuso do *football* por uma juventude, não previamente preparada para esse sport violento" ("Education Physique rationelle, pág. 6).

Aí está o perigo, a consequência desastrosa da violência. Tais observações, Sr. Presidente, não vieram surpreender os médicos, os fisiologistas, que vinham estudando a questão há longos anos. E no Brasil, ter-se-á observado casos semelhantes? Creio ser do domínio de todos, os resultados funestos da educação desportiva levada a excessos, entre nós.

Pessoalmente posso dar testemunho do caso verdadeiramente doloroso, de um rapaz de 20 anos, vítima dessa moléstia nova, e

estou segurante informado de inúmeros outros em virtude de tal esforço.

Outra circunstância, que não nos leva a admitir com tanto entusiasmo os efeitos da educação esportiva, é o que se refere às seduções do profissionalismo. É uma verdadeira sede do *sportsman* moderno à procura do "campeão", desse tipo excepcional, anômalo, tipo que demonstrarei daqui a pouco ser frágil. Essa procura febril é em pura perda dos demais, que são a massa, massa que é a população do país. Em que poderiam melhorar a raça tais indivíduos?

Seria o caso de indagar se Dernpsey, Tunney, Murmi são porventura paradigmas de raça americana, ou da raça dinamarquesa. De modo nenhum, são monstruosos tipos entregues ao profissionalismo e que jamais serão exemplos a seguir.

Os que pensam de modo contrário são vítimas de preconceito fácil de identificar.

E' do conhecimento de todos que, no preparo de animais, destinados a corridas, se inventaram vários termos que mais tarde passaram a ter aplicação ao homem. Assim apareceram: *entrainement, surmenage, forçage*. Incontestavelmente são palavras oriundas do *turf*, e que correntemente servem para designar idênticos estados do homem. Seja permitido ao orador aproximar dois preconceitos revestindo igual curiosidade.

Dizem os amadores que o preparo dos cavalos para corridas obedece ao intuito de melhorar a raça cavalar. Com semelhante prática, onde a melhoria *T* Em conseguir um espécime que somente poderá correr velozmente em pistas previamente preparadas? Animais que precisam de água quente, automóveis para a sua condução, massagistas, cobertores, vigilância e curas especiais?

SR. VIRIATO CORRÊA — Isso contrasta com o cavalo do matuto, que resiste a tudo.

SR. JORGE DE MORAES — Diz V. Ex. muito bem e não somos nós, os primeiros, meu digno colega, a fazer tais observações como que aplicando-as à nossa nacionalidade. E' Hebert que nas páginas 56 e 57 de seu trabalho, nos assegura que isso é um preconceito injustificável, e dá-nos, por assim dizer, a prova material de sua afirmativa, quando assevera que, logo no início das hostilidades em 1914, a França observou que, nos primeiros dias, nas primeiras semanas de campanha, a maior parte dos cavalos de corrida estavam completamente inutilizados por falta de resistência e, sobretudo, por falta de "rusticidade". Os cavalos que serviram, os queaju-

daram a salvar a França foram os outros, os rústicos, aos quais um *turfman* que se presa nem sequer se dignaria lançar um olhar de curiosidade !

Preconceito idêntico temos nós no *campeão* que só se pode exibir à custa de idêntica vigilância e cura especialíssima, e que longe está de representar o tipo do homem forte, resistente e sadio.

SR. JORGE DE MORAES — (para uma explicação pessoal) —

Sr. Presidente — além do perigo do profissionalismo a que há pouco me referia, penso que o desvirtuamento do *sport* ainda pode levar a práticas condenáveis.

Assim é que tendo perdido a utilidade, a medida e o altruísmo que constituíam as suas características essenciais em outras épocas — diz Hebert — "o *sport* torna-se elemento destrutivo, em vez de educador, se praticado diante de um público de espectadores ; cai no funambulismo e descamba para baixas combinações de profissionais, ou de amadores *marrons*, diremos disfarçados, que nos são revelados por escândalos cada vez mais frequentes".

E' um fato lamentabilíssimo, mas que a advertência já nos vinha desde muito longe, desde 1895. Há 32 anos o professor Bouchard nos dizia que os jogos escolares deviam ser feitos ao ar livre, não há dúvida, mas sem campeonatos, porque estes poderiam degenerar em lutas, trazendo como consequência imediata, iniludível a exaltação do egoísmo, do orgulho, da hipertrofia, da vaidade. E concluía ele naquela data: "assim a educação física seria antagonista da educação moral".

Diante do exposto, onde as belas consequências de ordem moral que tanto se tem atribuído ao *sport* ? Onde os resultados maravilhosos descritos por Paul Adam -em um livro elaborado durante a sua mocidade ? Onde os entusiasmos a que se elevou a imaginação e o patriotismo de Afranio Peixoto, depois de ter presenciado campeonatos no Rio de Janeiro, e que escreveu com tanto espírito, no seu "Ensinar a ensinar" ?

SR. HENRIQUE DORDSWORTH — Por falar em ensino, sabe V. Ex. que a reforma do Sr. Rocha Vaz incluiu a educação física em todos os anos do colégio Pedro II, abolindo-a, mais tarde, completamente, adotando, assim, critério inteiramente oposto ? Hoje nos ginásios oficiais não "se ministra mais educação física".

SR. JORGE MORAES — E' lamentável, é incrível que assim aconteça. Trazendo o problema à tribuna, vou pugnar por medidas que, espero, o Executivo porá em prática.

Sr. HENRIQUE DORDSWORTH — Aliás a adoção dos dois critérios opostos, mostra a desorientação a esse respeito.

SR. JORGE DE MORAES — Não há dúvida.

Mas, Sr. Presidente, existe a necessidade de afastar todos esses transtornos, todas essas consequências funestas do desvirtuamento do *sport* em nosso meio ? Não será tudo isso praticado entre nós, com variada intensidade para cada erro ? E' um fato positivo. As associações desportivas, sobretudo da capital da República, contando, por exemplo, 3 ou 4 mil sócios, apenas uns 30 no máximo (3%), se exercitam. O resto vê e torce. Julga-se estar melhorando a raça com isso ?

Existem, porventura, os corações desfalecidos que teem chamado a atenção de sábios e de autoridades em outros países ? Não há a menor dúvida como já tive a oportunidade de afiançar. Além do que são numerosos os traumatismos mortais verificados nesta capital. A esse respeito um distinto patricio, Carlos Sussekimd de Mendonça, reuniu em um livro, cartas escritas a Lima Barreto. Nelas, Sussekimd de Mendonça faz observações por vezes impiedosas, mas sinceras ; é por vezes violetíssimo, mas patriótico ; e com muita razão fere o ponto a que acabei de me referir, o lado moral.

Onde a solidariedade construída ? Onde a sua realização, à custa do exercício, do *sport*, entre nós ? Onde esse espírito de disciplina e renúncia ? Onde ? Não vejo.

Demonstrou esse nosso patricio que a solidariedade não existe dentro de um mesmo clube ; depois, examinou fato idêntico entre vários clubes, e, em seguida, entre os clubes dos Estados, denunciando o mesmo fracasso entre os campeonatos internacionais !

Idênticas observações feriram de tal modo a imaginação de nosso saudoso companheiro Carlos Garcia, deputado por S. Paulo, que o levaram a apresentar um projeto proibindo que os *teams* brasileiros tomassem parte em campeonatos internacionais. Do que acabo de dizer, parece-me, resulta uma aprovação tácita ao seu procedimento a esse respeito.

Existem, acaso, entre nós, *sportsmen* unilateralmente especializados ? Fácil é a resposta. Nenhuma dúvida pode haver. Basta penetrar no seio das associações desportivas, para verificarmos que só um pequeno número de sócios se exercita, especializando-se em saltos, corridas, lançamento de peso, ou em outro exercício. Haverá profissionalismo ? Mas é claro que sim. Por vezes, nem sequer

sob a forma marrem ou disfarçada ; mostra-se ostensivamente instalado entre nós.

Em que pode melhorar a raça brasileira com tal procedimento ? Em coisa alguma. Todos os inconvenientes, portanto, do desvirtuamento da educação física desportiva, existem, entre nós, mais ou menos acentuados.

Não posso concordar apenas com Sussekind de Mendonça, quando leva o seu pessimismo a negar a possibilidade de existir *mente sã* em *corpo são*. E' pessimismo inqualificável, no qual não o posso acompanhar. Deixando de lado a existência hipotética do homem hígido, homem absolutamente são, vários serão os exemplos a constatar, *maxime* onde existir a verdadeira cultura física.

Por outro lado, Sr. Presidente, da função da imprensa a que tanto deve o Brasil, por ter despertado no coração da juventude, o amor ao *sport* há tudo a esperar, grande força que ela é, para a renovação educadora da juventude, fazendo-lhe ver as más consequências do *sport* desvirtuado, pelo exagero, violência, uso intempestivo e carência de espírito educativo.

Hebert feriu essa circunstância, de uma maneira dura para a França, dizendo :

"A imprensa é vitima dessa orientação infeliz, com seus reclamos, que tomaram o carater dos *bonisseurs à la porte des baraques foraines* e que apesar de bem intencionada, FACILITA A INDÚSTRIA DOS ESPETÁCULOS DESPORTIVOS".

E' profundamente grave e digno de madura reflexão. E' preciso que não nos lancemos no mesmo precipício.

Sr. Presidente, sob esse ponto de vista, do infeliz desvirtuamento do desporto, devo terminar com chave de ouro, repetindo as palavras de George Demeny, o grande sábio, por mim, há pouco mencionado. Afirma ele :

"A educação física pode ser desviada de seu verdadeiro fim, se considerada como meio de satisfação à vaidade, se pretexto para espetáculos tolos onde se lisongeie a curiosidade dos *badauds*". O exercício assim compreendido, longe de ser um benefício, torna-se um vício e uma fonte de imoralidade, um pretexto para a desordem e deboche".

Isto é escrito para a França, e não é novo. Basta dizer que no ano 200, de nossa era, já dizia Filostrato :

"Os atletas começam a violar as leis que dizem respeito a dinheiro, a vender e a comprar vitórias ; outros compram vitórias fáceis porque passam vida efeminada: não há mais vergonha para vender, nem comprar".

Outro tropeço que existe na orientação a seguir na prática da educação física, é o atletismo. Que é o atleta ? E' um monstro, é o fruto, é a consequência de agonística infeliz e antifisiológica : caracteriza-se por excessivo desenvolvimento muscular, em detrimento de outros órgãos e funções mais nobres: é um anómalo, fácil vítima de várias enfermidades. E' até comum a tuberculose, entre eles. Sua aparência é enganosa ; o excessivo desenvolvimento muscular, sobretudo da caixa torácica, simula grande capacidade respiratória que, na realidade, não existe.

George Demeny exclamou :

"E' uma gaiola dourada, linda, em que dentro o pássaro está podre".

Galeno que outrora foi médico da escola de atletas, na antiga Roma, dizia: — "*gymnastica ad sanitatem periculosa est*". ferido, exatamente surpreendido pelas moléstias que tão facilmente atacavam os seus clientes.

Nessa época tais individuos eram pagos, admirados, mas não tinham trato nem convívio social. A sua expressão é bem recordada por Mosso, o grande professor italiano :

"A estátua de bronze, encontrada na Via Nazionale, representa a figura característica de um atleta".

E acrescenta, silenciosamente :

"Quem a contemplar, uma só vez, jamais esquecerá a face estúpida e brutal daquele pugilista".

À vista de tantas dificuldades a que venho aludindo, qual a orientação a ser adotada entre nós ? Apresentam-se à nossa consideração, duas mentalidades: A MENTALIDADE DESPORTIVA, que destrói o equilíbrio da vida com as especializações, com seus *records*, em os seus traumas de consequências infelizes quando desvirtuada, é bom acentuar, e de outro lado, a mentalidade CLÍNICA-MÉDICA PE-

DAGÓGICA. Esta procura o equilíbrio da vida com o próprio equilíbrio das funções celulares do organismo humano.

Passemos, pois a construir, traçando normas a introduzir em nosso meio. Digamos desde logo, que deveremos admitir em primeiro lugar, na primeira fase da evolução da vida, A GINÁSTICA ANALÍTICA, de formação, sob bases científicas ; em segundo lugar, GINÁSTICA SINTÉTICA, ou de aplicação, constituída pelos desportos em termos e a tempo.

Mais uma vez: façamos assim, ginástica para desenvolver o indivíduo afim de que ele possa fazer *sport*: não façamos *sport* para desenvolver o indivíduo, porque isto será começar pelo fim, com as consequências funestas que há pouco enumerei.

Façamos ginástica bem orientada e sejamos inflexíveis na necessidade imperiosa de alicerçá-la sob bases científicas. A meu ver deveremos, obrigatoriamente, instituir para todas as idades a prática que tomou por base os princípios fundamentais de Ling, seguindo a seriação que considero a mais justa e que é magistralmente delineada por Maurice Doigey.

Em linhas gerais, acompanhando-as de preceitos, laconicamente salientados: Devemos constituir primeiro a *educação física elementar*, que é prepubertária, destinada às crianças de 6 a 13 anos, ginástica, sem atender, absolutamente ao desenvolvimento muscular ; de 6 a 9 anos, jogos de imitação, atitudes educativas e corretivas, rondas e marcha cantada ; de 9 a 11 anos, pequenos jogos de imitação, marchas cantadas, natação ; de 11 a 13 anos, acréscimo de ginástica de aplicação elementar: carreiras, saltos, trepar, etc., com grande fiscalização médica, devido ao delicadíssimo da oportunidade vital.

Segundo, *Educação física secundária*, — pubertária e post-pubertária — para indivíduos de 13 a 18 anos (é para notar que a puberdade gasta na média, mais de dois anos a se instalar e seus efeitos se fazem sentir durante três anos); de 13 a H anos: transformação orgânica intensa ; resistência ainda fraca ; função respiratória sujeita a grandes variações ; força muscular ainda inferior à aparência ; nenhum exercício de fundo ou de força ; de H a 15 anos: efeitos da puberdade em evidência ; estatura cresce rápida ; massas musculares ainda reduzidas ; viva congestão nas extremidades ósseas ; articulações frágeis ao traumatismo ; sono, às vezes, agitado ; irritabilidade, nervosismo ; com exercício: a fadiga sobrevem rápida: intoxicação intensa, às vezes, febre ; exigências mo-

deradas; dose cuidadosa; de 16 a 18 anos: os ossos adquirem resistência: músculos desenvolvidos ; maior resistência à fadiga ; cultura da energia muscular ; força — exercícios de força e fundo (início) ; desenvolvimento harmonioso ; corridas moderadas ; começo dos *sports* ; EXAME MÉDICO PRÉVIO.

Terceiro, *Educação física superior*, desportiva e atlética: indivíduos dos 18 aos 35 anos: exercícios educativos ; grandes jogos ; *football association, rugby, tennis, etc.*; *sports* atléticos: corridas, box, luta, natação, remo, lançamentos, etc.

Quarto, *Educação física da idade madura*, depois dos 35 aos 40 anos: práticas atléticas perigosas ; ginástica analítica.

Abordando agora outra face do problema, constatemos que para a execução de qualquer programa, questão importantíssima a cuidar é a da crise de professores competentes. Quando proferi o meu discurso, justificando a medida de criação de dois institutos de educação física, a imprensa recebeu toda ela, com muito agrado, com muita gentileza, tal ideia, à exceção de um só de seus representantes que, em notícia assaz interessante, sob o título "Projeto absurdo", fez considerações completamente infelizes, que estão já destruídas no início de meu discurso.

Houve, porem, um ponto interessante, em que o malogrado jornalista se referiu aos professores ; disse o periodista pretender o Sr. Jorge de Moraes criar uma nova classe de bacharéis — os *bacharéis de muque*.

Teve espírito, não há dúvida, mas não teve, absolutamente razão.

Três anos antes de mim, Phelippe Tissié, inspetor das escolas, colégios e liceus, sob o ponto de vista da educação física, membro da Academia de Bordeaux, membro do Conselho Superior de Educação Física da Juventude, em França, que foi encarregado de missões científicas na Suécia, laureado da Academia de Medicina, laureado do Instituto e membro da Academia de Paris — excusez du peu ! — acentuava que :

"Os professores de educação física "*ne sont pas bacheliers, et c'est grand dommage* (L'entraînement physique a l'École, pág. 267) .

Já se vê por aí, que eu estava em excelente companhia, quando manifestava desejo de que o professor de educação física fosse profissional com certa instrução e muito especializado.

No Brasil, que acontece a respeito ? Quem se apresenta tendo cursado algum estabelecimento ? Ninguém ao que me consta.

Ensinam ginástica entre nós, indivíduos completamente, exclusivamente técnicos, que jamais indagaram do "porquê" de um exercício ; entre tais professores, figura um bom número de egressos dos circos equestres e acrobáticos ; constituem, assim, forte motivo para desmoralização de coisa tão seria como a educação física.

"O professor não deverá ser um atleta musculoso, mas sim um pedagogo instruído", sentenciou alguém de competência. Bastará refletir sobre os atuais conhecimentos, relativos ao treino e a fadiga, para se reconhecer a necessidade de uma instrução sólida, para que agindo no lar, na escola, na caserna, na universidade, nas associações desportivas, por toda a parte enfim, possa o professor guiar o espírito do brasileiro na prática da educação física.

Na Bélgica, em 1908, há quase vinte anos, fundou-se um Instituto Superior de Educação Física, especialmente para a formação de professores. Este instituto estabelece um curso de três anos, e aí o indivíduo pode ser "licenciado" ou sair "doutor" em educação física.

Conforme nos ensina o eminente professor e mestre Phelippe Tissié, bastará olhar rapidamente sobre as matérias ensinadas em tal escola, para compreender a importância do problema que é realmente de grande valor e não uma frioleira, uma acrobacia, como sói acontecer entre os ignorantes do assunto.

Rápida análise entre matérias exigidas nos exames, nos mostrará :

No primeiro ano — o estudo da pedagogia especial, fatores da educação física, herança, raça, tipo, alimentação, meio, idade, sexo, temperamento — por aí a fora; fins da educação física; depois; anatomia, higiene geral, fisiologia, análise e mecanismo dos movimentos, teoria da ginástica, havendo, em exame prático, exercícios executados pelo candidato.

No segundo ano — higiene especial, ainda análise e mecanismo dos movimentos, anatomia, lógica e moral, psicologia, com exame didático, uma lição dada às crianças de 7 a 12 anos.

No terceiro ano — Anatomia das regiões, eletrologia, didática, fisiologia especial, existindo cursos de opção, por parte dos candidatos.

Parece-me, Sr. Presidente, que tal instituto é que estará em condições de poder dirigir e preparar na educação física alguém que se candidate ao ensino da matéria. E de fato assim devia ser.

George Demeny nas "Bases científicas de uma educação física", título de um livro que será imortal, lá nos advertia que o professor de educação física tinha de ser um engenheiro biológico, porque a seu ver, nem o químico, nem o biologista, nem o próprio médico poderiam ser professores de educação física sem tirocínio especializado. Julga o mestre, que nehum dos cientistas apontados estará nas condições requeridas ; todos serão obrigados a fazer aprendizagem especial afim de se transformarem em engenheiros biológicos semelhantes ao zootécnico, realizando de tal maneira aquela nova arte já prevista por Augusto Comte: *anthropotechnia*.

Entretanto desde setembro de 1920, no Congresso de Fisioterapia de Anvers, se constatou a necessidade da coadjuvação médica para a boa realização prática da Educação Física. É verdade que o seu preparo é incompleto, mas o curso médico indubitavelmente constitue base sólida, sem confronto com qualquer outra, para a especialização necessária. Em nosso país não é reconhecida a necessidade apontada, tanto que poucas são as sociedades desportivas, e digo-o com certa indecisão, que tem médico ao menos para exame prévio dos candidatos à ginástica desportiva e desvirtuada que aqui se pratica.

Recordo-me de ter lido, não há muito, no o PAÍS, artigo muito bem lançado da autoria do Sr. Dr. Leite de Castro, onde a necessidade de sua absoluta colaboração, vem magistralmente assinalada.

Descreve-nos o ilustre doutor em medicina, fato ocorrido em sua presença, e que dispensa o mínimo comentário: durante um jogo de *football* um dos pugilistas caiu, vítima de certo ataque. Conduziram-no para lugar apropriado e, muito naturalmente, chamaram o técnico massagista. O Dr. Leite de Castro teve então oportunidade de vê-lo entregar-se a exercícios de sua especialidade no corpo do jogador, cujo mal era nada mais nada menos do que uma crise epiléptica. Cômico e doloroso ! Esse infeliz moço nunca deveria ter sido jogador de *football*, se houvesse exame prévio para a admissão aos clubes.

Desejando prestar homenagem a uma iniciativa particular louvabilíssima, devo referir-me a ilustre colega, o Sr. Dr. Fernando Soledade, que, apenas animado por verdadeiro patriotismo, apaixonado pela causa e segura orientação, conseguiu reunir, em um dos

melhores bairros desta cidade, duzentas, trezentas ou mais crianças, ensinando-lhes, gratuitamente, educação física ao ar livre da praia de Copacabana ! E justo fique aqui consignado este fato, digno de todos os elogios.

A meu ver, o ilustre médico vem demonstrando, de modo prático, as condições de superioridade do profissional doutor em medicina para o bom e proveitoso ensino da educação física.

Eis porque, sr. Presidente, terminarei com a apresentação de um projeto em que lembro a nomeação de uma comissão desses profissionais, afim de estudar, nos centros cultos e adiantados, os elementos necessários à fundação de institutos no gênero dos que enumearei. Julgo indispensável a passagem dessa comissão por Gand e Estocolmo. Digo por que :

Qualquer pessoa que tenha a menor noção sobre cultura física sabe o valor que, na Suécia, se atribue aos exercícios de ginástica ; sabe, ainda, que países em grande número, tem enviado missões a essa nação. Apenas citarei os que são lembrados por Tissie: Bélgica, Romênia, Japão, Holanda, Espanha, Chile, Bolívia, Argentina, Inglaterra, os Estados Unidos, Alemanha, que acaba de fundar em Berlim, um instituto superior de educação física, Baviera, etc.

De fato, a superioridade dos institutos suecos tem chamado a atenção do mundo culto. Recordo Hans Spitzzy, professor austríaco, grande notabilidade, o qual em seu trabalho "*A educação física da criança*", confessa com verdadeiro pesar, a supremacia da Suécia, sobre a Áustria e a Alemanha, a esse respeito.

Para esclarecimento, recordarei os resultados da educação física sueca, por sistema especial, baseada nos princípios de Ling e que foram publicados por Gustav Sandibarg em 1900. Em largo espaço de tempo, a Suécia verificou os benefícios do seu sistema educativo, vendo aumentar a vida entre vinte e trinta e cinco anos. Viu crescer até a estatura de seus homens e observou que nas levas de conscritos, cada vez eram mais diminutos os rejeitados alem do que, em qualquer certame internacional onde aparecem os ginastas suecos, são eles os mais admirados pela sua atitude, pela correção de seus exercícios, ostentando resultados que são verdadeiramente incomparáveis.

E' Gand o segundo lugar para que peço preferência. Justifico-a, porque os belgas procederam a uma indagação científica rigorosa, no intuito de verificar os efeitos produzidos pelos exercícios, baseados nos princípios de Ling, sobre o organismo humano. Essa rigo-

rosa verificação sobre o valor físico dos batimentos cardíacos afim de determinar a intensidade máxima dos movimentos executados.

Concluíram pela superioridade do processo e instituíram as escolas a que acabo de me reportar, pormenorizando as diversas matérias ali ministradas. A repercussão dos resultados do método de Ling, levou os competentes a basear em seus princípios a ginástica analítica ou de formação.

O Brasil, Sr. Presidente, nunca enviou missão qualquer à Suécia, nunca se representou em Congressos internacionais de Educação Física. E' até lamentável que, no Terceiro Congresso Brasileiro de Higiene, realizado em S. Paulo do qual fui um dos humildes representantes. . .

SR. AMAURY DE MEDEIROS — Brilhante delegado.

SR. JORGE DE MORAES — Muito agradecido ao nobre colega. . . não fosse incluída tese alguma a tal propósito. Não me consta, mesmo, que, na organização do futuro Congresso, se tenha cogitado de semelhante medida, apesar de haver eu apresentado juntamente com Jayme Pereira, ilustre professor da Faculdade de Medicina de São Paulo, moção nesse sentido.

SR. AMAURY DE MEDEIROS — A comissão executiva do Congresso, ainda não resolveu definitivamente a respeito da escolha das teses, mas é provável que, depois do discurso brilhante de Vossa Ex. chamando a atenção para o assunto, tome em consideração a tese formulada em S. Paulo, por V. Ex. e pelo Dr. Jayme Pereira.

SR. JORGE DE MORAES — E' uma esperança aliás consoladora, que o ilustre deputado me dá com esse aparte. Espero que assim seja.

No Congresso de Instrução havido em Minas Gerais, é de justiça, no entanto, salientar que foi uma professora, D. Guiomar Meirelles; que, brilhantemente concretizou o seu pensamento a respeito, nas seguintes teses :

- a) a educação física deve ser parte integrante e não complementar dos programas das escolas públicas primárias ;
- b) deve ser disciplina obrigatória, ministrada diariamente, por professores competentes e conhecedores do seu exercício e do seu mecanismo, capazes de realizá-los ;
- c) incluir nos programas escolares uma hora especial para a educação física ;

- d) organizar em cada escola um curso especial, afim de ser convenientemente praticada a cultura física ;
- e) organizar fichas antropométricas anualmente ;
- f) nomear professores especializados em educação física;
- g) fornecimento de material necessário, de modo que todos os alunos façam exercício com objetos de mesmo tipo ;
- h) constituir uma comissão que, sujeita a um critério único, ministre educação física em aulas que serão depois repetidas por professores que se encarregarem dessa disciplina :
- i) a ginástica rítmica poderá ser introduzida nas escolas
 - primárias.

Honras sejam prestadas à distinta e patriótica professora.

SR. SOUZA FILHO — Mas tudo isso mostra a desnecessidade de se enviar uma comissão de médicos à Europa. Podc-se criar um curso de educação física sem essa medida.

SR. JORGE DE MORAES — Acho que é necessária essa comissão. Onde os competentes entre nós ?

(O discurso, daí em diante, é entrecortado de apartes pelo deputado Souza Filho, que se mostra radicalmente contra a ideia de ser nomeada urna comissão para se especializar na Europa. Entram nos apartes dos deputados Mauricio de Medeiros e Amaury de Medeiros, tendo aquele parlamentar interrompido o discurso de Jorge de Moraes, do seguinte modo:)

SR. MAURICIO DE MEDEIROS — Permita V. Ex. que colabore num projeto que ainda não é projeto. . .

SR. JORGE DE MORAES — E' uma honra para mim.

SR. MAURÍCIO DE MEDEIROS — Talvez, V. Ex. dentro do próprio país, encontrasse um núcleo de elementos nacionais, com os quais pudesse exatamente constituir o centro de formação desse instituto, mandando vir do estrangeiro os técnicos que ensinassem a parte de aplicação. De modo geral, os técnicos não conhecem a parte médica a que V. Ex. se refere; os técnicos veem fazer exercícios, mostrar como se realiza a parte prática de aplicação, porque não creio que os médicos, indo ao estrangeiro, voltem de lá, passados

doze meses, com a técnica precisa para preencher as duas funções: a função científica e a da aplicação.

O SR. JORGE DE MORAES — Penso que os médicos facilmente poderiam apreender a técnica, mas julgo aceitável a ideia de V. Ex.

Devo agora responder ao aparte do ilustre professor, Mauricio de Medeiros. S. Ex. objetou que o número de professores, talvez, seja um embaraço à primitiva ideia, isto é, que com os elementos nacionais aqui existentes poderíamos fazer esse grupo de professores que deveriam organizar o ensino.

SR. MAURÍCIO DE MEDEIROS — Para ensinar a parte médica.

SR. JORGE DE MORAES — Não me parece haver grande número de médicos especializados no assunto, lembrei há pouco distinto colega. . .

O SR. MAURÍCIO DE MEDEIROS — Creio que há. . .

SR. JORGE DE MORAES — Mesmo que houvesse, a quantidade não seria suficiente. Deixo entretanto, ao critério do Governo o número de médicos a enviar.

SR. MAURICIO DE MEDEIROS — Hoje em dia há entre nós grande número de médicos que se dedicam à educação física. V. Ex. citou há pouco o nome do Dr. Fernando Soledade. Há outros que colaboram com esse colega na mesma iniciativa, Bezerra de Menezes, por exemplo.

SR. JORGE DE MORAES — E' verdade, ia citá-lo ; pois, ainda ontem li artigo de sua lavra, sobre assunto. Concordo que o fato da aliança do técnico com o médico, neste sentido, seja muito razoável. Mas, Sr. presidente, ainda há outra função indispensável aos governos, aos competentes na matéria, a que diz respeito à fiscalização. No Departamento Nacional de Saúde Pública, existem várias inspetorias e é lamentável que não haja uma só destinada a fiscalizar os exercícios físicos no Brasil, desde o lar, como disse, até a universidade, a caserna, as associações desportivas. E' esse um inconveniente que procuro obviar com determinação especial de meu projeto. Em resumo, penso que o Brasil deve seguir a orientação que há pouco detalhei, relativamente, à educação física: ginástica analítica, de formação, sob base científica, até a idade de 16 a 18 anos, admitindo a sucessão crescente de Boigey e, depois daquela, a educação desportiva e atlética.

Creio que essa orientação, tendo professores competentes e havendo fiscalização necessária, é que o Brasil poderá progredir em tal sentido.

Sr. Presidente, se em outra oportunidade, recordei o que Heródoto decantava sobre os jônios — que pareciam imortais e viviam em uma eterna primavera de beleza juvenil ; agora exteriorizo ardentemente votos para que os preceitos por mim apontados se transformem em leis no Brasil, que só assim poderá ser eficiente na paz, fazendo de todos os brasileiros, indivíduos ativos, fortes, seja qual for a profissão que adotarem, e que, na guerra, em hora angustiosa que possa vir, sejam invencíveis defensores do nosso patrimônio.

Era o que tinha a dizer

(Muito bem ; muito bem. O orador é vivamente cumprimentado) . •